

A PREGAÇÃO PROSELITISTA PROTESTANTE, PODER E RELAÇÕES ECUMÊNICAS

O caso presbiteriano em Belém do Pará (1901-1912)

Cláudio Lísias Gonçalves dos Reis Silva¹

Introdução

As igrejas presbiterianas mais antigas de Belém do Pará, Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), foram fundadas respectivamente nos anos de 1904 e 1905, constituindo assim, instituições formadoras do campo protestante belenense, juntamente com as mais antigas, Igreja Cristã, Metodista e Batista. As igrejas presbiterianas, apesar de possuírem o mesmo viés doutrinário e de assumirem sua origem no Brasil a partir da chegada do missionário norte-americano Ashbel G. Simonton (1859), não conseguiram relacionar-se em projetos comuns duradouros e significativos com as outras denominações protestantes e nem entre si.

Esta duas igrejas não possuem tradições ecumênicas na cidade de Belém. Atualmente a 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Belém faz parte da coordenação do Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs (CAIC), a qual se filiou em fevereiro de 2010; porém, é interessante, que além da ausência de participação ecumênica com outras igrejas protestantes, não há também, registro em atas ou outros documentos oficiais destas duas denominações, de qualquer tipo de trabalho comum realizado por elas em Belém nos últimos vinte anos, nem sequer uma celebração de caráter religioso ou participação efetiva de lideranças ou forças leigas.

Entre os poucos momentos de parceria, registra-se o ocorrido na década de 1950. Na ata de 11/11/1949, o Rev. Aureliano de Jesus informa à Assembleia da IPIB que a igreja possuía no seu rol de membros 45 adultos e 24 menores, porém em 16/10/1955, há o registro nesta ata que havia quorum para a reunião com a presença de *sete* membros, “pois o número de membros é de doze”. Dois foram os fatores da queda do número de membros desta igreja, ou seja, a ausência de pastor efetivo (fato relatado pelos membros nas reuniões de Assembleia) e o falecimento precoce do Presb. Otoniel Tavares dos Santos, liderança respeitada e dinâmica na igreja nos últimos anos.

Diante deste momento difícil um grupo de nove membros procuraram alternativas de sobrevivência do trabalho independente em Belém. Uma das alternativas foi a convocação de uma reunião de assembleia geral em 18/09/1955, que registra o seguinte:

Resolveram tomar a seguinte deliberação para o andamento dos trabalhos da Igreja, na atual fase em que não há um ministro da denominação para tomar os encargos pastorais da mesma: a) Reconhecer a necessidade de se prestar assistência pastoral à mesma Igreja especialmente agora dado o falecimento do presbítero Otoniel dos Santos, que se encontrava na direção dos trabalhos; b) Para tornar efetiva essa assistência deliberaram convidar o Reverendo João Batista da Silva, para tomar a seu cargo, especialmente os atos pastorais da mesma comunidade próprias e exclusivamente dos ministros como sejam: batismos, profissão de fé, Santa Ceia, etc.; c) **Os pactuantes foram levados a esse resultado tendo em vista e inspirados no movimento de aproximação ou união dos dois ramos da Igreja Presbiteriana do Brasil.** É assim uma antecipação desse auspicioso movimento; d) Visto que o arranjo acima esboçado tem a grande parte do tempo do pastor em referência, e acumula sobre os seus ombros maiores tarefas resolveu-se também, em compensação, que a Igreja Presbiteriana Independente, concorra, a título de manutenção pastoral, com a importância de Cr\$ 500,00 mensais. (folha 6) [grifo nosso]

O gesto dos membros desta igreja, além de evidenciar um pedido de socorro para a manutenção do trabalho, registrou a informação da existência de um processo histórico de tentar unir novamente uma só igreja que representasse o presbiterianismo no Brasil. Porém, a atitude dos membros teve repercussões diante do Presbitério do Norte² (concílio da IPIB que incluía na época os estados da Bahia ao Amazonas). Na ata seguinte da reunião de assembléia (16/10/1955), presidida pelo Rev. Adiel Figueiredo, registrou-se a chegada da resposta do Presbitério:

O presidente informou que estava ali por ordem da Comissão de Superintendência que havia considerado ilegal a reunião anterior. E reiterava a promessa do Presbitério de enviar um pastor para a Igreja no princípio do próximo ano. Pois o Presbitério não queria perder o trabalho de Belém. Com a palavra o pastor João Batista da Silva, Pastor da Igreja Presbiteriana local expoz **a sua intenção que era a manutenção da Igreja Presbiteriana a qual era de ajudar o trabalho e não de fazer proselitismo, evitando que o trabalho presbiteriana independente, sem pastor e sem presbíteros, viesse a cair posteriormente nas mãos de outras denominações.** Quanto à ilegalidade da reunião o mesmo estava consciente, mas, que viesse por esse modo a haver uma reação dos meios independentes, lucrando a Igreja com isso. Por que se fosse por legalidade o trabalho ficaria sofrendo até que tudo viesse pelos meios legais. Resolveu-se então o seguinte: a) Que o Rev. João Batista da Silva fique como o pastor da Igreja Presbiteriana Independente de Belém até o fim de março. Tempo em que deverá vir pastor enviado pelo Presbitério do Norte. (folha 7) [grifo nosso]

O ato *ilegal* dos membros e a parceria com o ministro da Igreja Presbiteriana foi positivo para a continuação da igreja. Em março de 1956 o Presbitério do Norte, reunido em Fortaleza-CE, resolve, então, enviar o Rev. Moacir Gonçalves Viana para assumir o pastorado da igreja. Rapidamente o trabalho começou a reagir normalmente e o

desenvolvimento da igreja era notório (em 28/12/1957 o rol de membros já contava com 31 membros maiores).

Diante destes breves relatos que servem de exemplos das raras convivências e distanciamentos destas igrejas, propõe-se neste artigo, entender historicamente a atuação destas duas igrejas na formação e dinâmica social do campo protestante em Belém do Pará. Nosso objeto de análise será a pregação proselitista que estas igrejas exercem em dinâmicas relações de poder e concorrência neste campo, confirmando que as igrejas do *protestantismo de missão* tinham como característica maior serem originalmente proselitistas, não direcionadas apenas para os fiéis do catolicismo hegemônico, mas principalmente direcionado para dentro do próprio campo. O caso protestante em Belém confirmará a hipótese levantada e investigada.

A fundação das igrejas presbiterianas em Belém e o cisma de 1903: origem da concorrência presbiteriana.

Belém, capital em processo de modernização desde meados do século XIX, era rota prioritária nos planos estratégicos de evangelização protestante na Amazônia, como se observou nos relatórios de viagens dos pastores presbiterianos na região. Com as possibilidades que a expansão da economia da borracha trouxe, por exemplo, o desenvolvimento da navegação, que facilitou o planejamento das missões protestantes para chegarem a diversas localidades do Pará e da Amazônia. Os presbiterianos não foram diferentes, tanto nacionais como estrangeiros se lançaram em viagens aventureiras na região comunicando a mensagem proselitista protestante e fundando suas respectivas igrejas.

Este empenho proselitista encarnado nestes grupos religiosos, segundo Vieira (1980), é uma das maiores heranças que o presbiterianismo nacional e outras confissões protestantes devem ao missionário norte-americano Ashbel G. Simonton. Ele possuía este encarnado espírito proselitista de conquista de adeptos. Os discursos das igrejas presbiterianas sempre irão estar em volta a este espírito de conquistar prosélitos. Até os jogos políticos internos nas denominações terão um peso de sacralidade e autoridade espiritual, quando os mesmos são discutidos na dimensão religiosa da pregação conversionista³; e isto será um fator de convencimento e falará mais alto nestes grupos, principalmente no início do protestantismo brasileiro.

O significativo evento que marcou o surgimento das igrejas presbiterianas em Belém nos primeiros anos do século XX, foi sem dúvida o primeiro cisma do presbiterianismo nacional ocorrido em julho de 1903. Os presbiterianos já se faziam presentes no Pará como mão de obra nos projetos originários da expansão da economia da borracha. Em 1901 já existia um trabalho organizado pelas senhoras da IPB, porém, a igreja só foi organizada oficialmente em 1904. Após o cisma presbiteriano as duas instituições foram influenciadas em suas estratégias de expansão e implantação a partir do contexto desta turbulência denominacional. Foi como consequência direta deste cisma que a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil foi fundada (31/07/1903).

Desde 1859 o presbiterianismo era liderado e conduzido no Brasil pelos missionários norte-americanos. Porém, a igreja se desenvolveu, presbitérios foram organizados e pastores ordenados, compondo um clero mais nacional. Ao lermos toda a dinâmica da polêmica do cisma em O Estandarte, periódico da IPIB, parece-nos que a questão mais importante foi as diferenças em torno das ideias antimacônicas por parte de um grupo de pastores nacionais presbiterianos. Porém, mesmo que estas ideias fossem tratadas no calor das emoções, talvez não tivessem tanta força e poder de separação do que as relações de poder entre nacionais e missionários norte-americanos. A força do discurso religioso antimacômico era visto muito mais na tentativa de diferenciação do grupo e na conquista de novos adeptos entre as duas igrejas.

Quando o Rev. Bento Ferraz visitou Belém pela primeira vez (1906), trouxe pregações com uma temática bem definida, ou seja, o discurso anti-macônico, como confirma o relato do presbítero Alexandrino de Moraes,

Aqui estive o Rev. Bento Ferraz, enviado do Presbyterio da Igreja P. Independente. A sua chegada causou-nos surpresa, porque não o esperávamos.

E foi na ocasião mais oportuna que elle veio visitar e confortar aos que, movidos de um zelo divino, se declararam também independentes, pela fé que foi dada aos sanctos. Demonstraram estes assim que não pactuam, nem apóiam áqueles que são de opinião que um crente pode pertencer a uma sociedade secreta, que nega as virtudes, o prestigio e a mediação do Divino Redemptor; que considera profana á sua Igreja, e impõe a um crente que ambiciona o galardão de Balaão, o prestar, em nome do Sup. Ach. do Universo, o solene juramento que o deve ligar para sempre á Ordem. E o crente que assim faz declara que alli vae buscar luz, cavar masmorras ao vicio, e erguer templos á virtude!

Leitores, pensae bem isso, e dizei-nos si o Espirito Sancto manda que tenhamos comunhão com os taes.

O que haveis de responder é o seguinte: “Com os taes nem comer deveis”. É por isso que nos tornamos independentes. (Moraes, 1906, p. 2)

A outra razão, então, que tornou os dois grupos presbiterianos intolerantes entre si, foi a questão de poder político interno na denominação. O que estava por trás do grupo de pastores nacionais, liderados pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira (pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, que liderou o movimento dos independentes), era o desejo de emancipação do presbiterianismo da tutela da igreja norte-americana. Alguns pastores nacionais começaram a nutrir uma “consciência mais clara de sua força” dentro das instituições protestantes, fenômeno este, que não estava restrito apenas ao presbiterianismo, mas já se tornava uma tendência das outras confissões protestantes no Brasil (Léonard, 2002, p. 140).

Um dos fatores que iniciou o processo de emancipação do protestantismo, especificamente os presbiterianos, foi uma crítica crescente aos missionários norte-americanos, seu pragmatismo, a gerência e teologia. Estas críticas significavam o fortalecimento de ideias nativistas, tendo como um dos líderes de maior proeminência neste cenário, Eduardo Carlos Pereira. Porém, o nacionalismo crescente gerou uma crise interna no presbiterianismo conduzindo-o para um cisma em 1903. As questões, que Léonard (2002) expõe, como razões motivadoras do cisma, foram a gestão e controle dos colégios presbiterianos, conduzidos pelos missionários, a fundação do Seminário Teológico para formar pastores brasileiros e a questão da maçonaria, o estopim emocional da crise.

Nas Atas do primeiro sínodo presbiteriano brasileiro, organizado em 1888, verifica-se que desde as primeiras reuniões, a questão da educação teológica e discussão quanto a fundação de um Seminário, já traziam pensamentos desarmônicos sobre o assunto. Léonard (2002) explica a origem deste sentimento nativista afirmando, que a causa se dava pela constituição de igrejas intelectualistas, que se decepcionaram com o pragmatismo e fraqueza teológica dos missionários norte-americanos (Ibid., p. 147). Porém, havia outros fatores externos e internos, como por exemplo, o momento político que o país estava passando na transição do império para a República. Lima (2005) delinea o contexto brasileiro, citando “o clima de lutas políticas pela abolição e pela república, bem como um sentimento antiestrangeiro” (Lima, 2005, p. 43). Estas bandeiras externas passaram a ser assimiladas nos discursos e projetos políticos eclesiais.

No sínodo de 1903 diante de um clima de ofensas, desentendimentos, as propostas de independência dos que representavam as aspirações de um presbiterianismo nacional iriam ser votadas. Porém, todas as propostas foram rejeitadas. No dia 31 de julho de 1903, sete

pastores e treze presbíteros se levantaram e saíram da reunião. No dia seguinte, os dissidentes, organizaram o Presbitério Independente, concretizando o primeiro cisma do presbiterianismo no Brasil. Daí o nome da nova denominação, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

As consequências deste evento repercutiram em todo o presbiterianismo nacional. Um número considerável de adesões de presbiterianos ao movimento independente foi ocorrendo no Brasil. Havia uma esperança, por parte dos independentes, que os synodais (IPB) reconhecessem oficialmente através do sínodo a incompatibilidade da fé cristã com a maçonaria e assim as igrejas viessem a se tornar uma só novamente, esperança que não se concretizou nos anos seguintes.

As datas de fundação das igrejas presbiterianas em Belém do Pará mostram o contexto claro e aberto da profunda concorrência como resultado do cisma. Em São Luis, poucos meses depois do cisma, a igreja independente é organizada, principalmente, por um grande número de adesões ao movimento antimaçônico. A situação foi conflitante, chegando até à justiça comum na luta por aquisição do templo. As adesões ao movimento independente em São Luis foram tão forte, que o Rev. Lessa, ao chegar pela primeira vez à igreja declarou: “No Maranhão temos o maior grupo de Independentes no norte. Os crentes são entusiastas e assíduos nas reuniões, que são effectuadas na sala do irmão José M. de Lima” (Lessa, 1904, p. 3).

O Rev. Carlyle Ramsey Womeldorf foi o missionário norte-americano, responsável pela organização dos presbiterianos em Belém. Após vir para o Brasil, o missionário residiu no Maranhão, mas “em 1900 ao seguir de férias para os Estados Unidos apresentou os seus planos ao Comitê de Missões de Nashville” (Matos, 2004, p. 270), de se transferir para a capital do Pará. Foi então, que organizou a igreja em nove de novembro de 1904, com setenta e três membros adultos e trinta crianças (Ibid., p. 273).

Nos seus últimos relatórios, segundo Matos (2004), “Womeldorf não escondia as dificuldades com que se deparava” (Ibid., p. 273). Além de questões pessoais como a saúde de sua esposa, faz referência “a penetração do movimento independente”. O movimento independente estava realmente conseguindo muitas adesões. Em O Estandarte, é comum em números de 1903 a 1912, a publicação de adesões de presbiterianos, em diversos lugares do Brasil, ao movimento. O proselitismo interno entre as duas igrejas presbiterianas era intenso e caloroso.

O cisma do presbiterianismo nacional, o discurso ideológico e teológico da antimaçonaria, assim como a fundação das igrejas presbiterianas em Belém, nos remete a questão da concorrência no campo religioso protestante. As concorrências entre as igrejas eram maiores que as parcerias. Cada denominação tinha suas estratégias definidas de expansão. Em alguns lugares esta concorrência, que resultava na transferência de fiéis para outra igreja, era conflituosa. Léonard (2002) lembra que, “os convertidos provindos do catolicismo tendem naturalmente para a igreja que lhes pareça melhor responder às necessidades espirituais que os levaram àquela conversão” (Léonard, 2002, p. 140-141). A concorrência estava amplamente aberta; o jogo de conquista de adeptos mais que declarado.

Proselitismo, poder e concorrência: estruturas estruturantes do antiecumenismo.

Os destaques históricos aqui apresentados das igrejas presbiterianas em Belém do Pará impulsionam-nos a uma investigação às violências simbólicas e as relações de poder na dimensão interna do campo protestante, percebido nos discursos proselitistas das igrejas que se inseriam no cenário religioso paraense. Tal empreendimento possui um vasto material em periódicos, livros, atas das igrejas, boletins, fontes históricas, que nos permitem estudar este fenômeno religioso.

O conceito que Pierre Bourdieu desenvolve em sua teoria sobre o poder simbólico, que inclui o entendimento do campo, que é o espaço onde as relações são objetivamente estruturadas e distribuídas em diversas formas, é fundamental nesta pesquisa. Pois como ele mesmo afirma, “o poder simbólico é esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber e lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 7-8). Ao propiciar, então, uma análise do espaço religioso, identificando estes campos, como empreendimentos de relações de poder e de práticas de *violência simbólica*, torna-se este um referencial teórico interessante e oportuno para análises dos discursos e a vivência proselitistas dos protestantes em Belém.

Segundo este aparato teórico, os espaços sociais são constituídos de “relações objetivas muito abstratas”, mas que “constituem toda a realidade do mundo social”, ou seja, cada discurso simbólico da propaganda religiosa das igrejas protestantes deve ser analisado a partir de uma “rede de relações de oposição e de concorrências” (Bourdieu, 1989, p. 30-31) que a ligam a um conjunto de outras expressões religiosas dentro e fora do

campo protestante. Foi o que percebemos em nossa pesquisa quanto à pregação proselitista dos atores da IPIB após o cisma do presbiterianismo em 1903.

Ter como objeto de pesquisa a propaganda religiosa proselitista protestante em Belém, significa entendê-los como elementos simbólicos, que segundo Bourdieu, são excelentes para realizar a função de “integração social”, “enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação” (Bourdieu, 1989, p. 10). Isto permite, então, ordenar o mundo social, pois para ele a sociedade em todos os seus segmentos estruturantes e estruturados, socialmente, é uma produção humana. Portanto, a partir desta compreensão, o fato que norteará a pesquisa proposta é a estruturação dos *sistemas simbólicos*, que “cumpram a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força.” (Ibid.,p. 10)⁴. Então, não podemos transferir atuais conceitos e compreensões da realidade a uma explicação reducionista e transcendente, como forma de consolidação de tradições, mas sim, entender que conceitos simbólicos como o do *anti-ecumenismo* em nossa contemporaneidade é uma construção histórica, social, carregada de múltiplas experiências de violências nos relacionamentos humanos e religiosos ao longo dos tempos.

As relações de força que existem no campo religioso, pode também ser entendida como uma expressão da busca pela *autonomia*, outra categoria que Bourdieu desenvolve, pois a busca por autonomia remete-nos a observar nos grupos sociais duas posições: a primeira, refere-se que na concorrência há *regras de jogo* que são próprias de cada campo social e segundo Benoît de L’Esloile, o funcionamento das regras do jogo devem ser observadas e descritas pelo pesquisador no processo metodológico. A outra posição é a *reivindicação*, por parte de atores sociais, pelo controle sobre um domínio da vida social, ou seja, fazer uma análise das estratégias para obtenção de monopólio (Encrevé e Lagrave, 2005, p. 140).

Nas lutas simbólicas no campo religioso protestante, especificamente em Belém, será possível observar uma dinâmica em duas direções, as lutas internas, representadas pelo proselitismo realizado entre as próprias igrejas e as lutas externas ao campo identificado por proselitismo, não menos agressivo e violento que o da primeira direção. Segundo a compreensão teórica que será utilizada, há evidências de interesses “na luta interna do campo de produção que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo” (Bourdieu, 1989, p. 7-8).

Quando se analisa a inserção das primeiras igrejas protestantes em Belém do Pará, diante de uma hegemonia religiosa católica preponderante, espera-se numa rápida observação, que o confronto por espaço religioso seria unilateralmente inevitável. Porém, analisando através do foco teórico de Bourdieu percebe-se, que a propaganda religiosa proselitista protestante vai delimitando inicialmente um campo simbólico específico, onde a confrontação de poder simbólico se dá nas interações internas e só em outro período numa dimensão externa ou na luta pelo poder com outros campos religiosos estruturados.

Tais teorias de análise de campo social podem ser aplicadas a qualquer uma das igrejas oriundas do *protestantismo de missão*, porém, as igrejas presbiterianas, possuem uma especificidade interessante, pois segundo alguns teóricos do protestantismo, os presbiterianos calvinistas, historicamente, possuem uma encarnação mais determinista ao *divisionismo*, ao antiecumenismo.

Recorremos primeiramente a Mendonça que ao analisar esta tendência antiecumênica no protestantismo brasileiro, mostra que o campo protestante é um campo de fortes contradições a partir da *racionalização religiosa*. Introduce Mendonça à problemática, com as seguintes palavras,

As contradições que aparecerão ao longo deste trabalho são resultantes das contradições internas do próprio cristianismo quando defrontadas com os desafios sócio-políticos e, em especial, nas áreas de dependência em que a concorrência econômico-política assume formas de racionalização religiosa. (Mendonça, 1997, p. 56)

As contradições ficam mais evidentes, principalmente, pela pregação proselitista, desenvolvida pelas igrejas presbiterianas. Em nome da *Palavra de Deus* se divide, geram-se cismas, rejeitam-se aproximações, fundamenta-se a anticomunhão. Mendonça atesta serem os presbiterianos mais antiecumênicos do protestantismo histórico.

Quando se contempla o panorama histórico do cristianismo verifica-se que a área mais sujeita a cismas sob pretexto de doutrina é a originada da Reforma calvinista direta ou indiretamente [...] O atual panorama do protestantismo mostra que os cismas praticamente não incidiram sobre os universos da comunhão anglicana e do luteranismo. Não se descarta a responsabilidade pelos cismas, mas a história mostra que a área de influência da tradição calvinista, mas afoita a se instituir sobre bases doutrinárias, foi e tem sido mais sensível aos abalos externos e internos. Talvez seja por isso que, em consequência da Necessidade de auto-identificação doutrinária dos grupos cismáticos, o movimento ecumênico percorra caminhos mais difíceis nesse universo. (Mendonça, 1997, p. 75)

Os fundamentos doutrinários juntamente com as relações de poder dentro destas igrejas são fatores preponderantes identificados por Mendonça,

há um outro fator que tem pesado sensivelmente no surgimento de divisões nas igrejas históricas e produzido grupos novos que pouco ou nada diferem dos originais: o jogo do poder eclesiástico. Embora essas divisões sejam sempre racionalizadas a partir da fidelidade ou não à “sã doutrina”, regra geral se originam dos conflitos causados pela disputa pelo poder por parte de grupos internos. (Mendonça, 1997, p. 76)

Rubem Alves, em sua crítica ao protestantismo, identifica no denominacionalismo institucional carregado de concepções identitárias exclusivistas e na doutrina, elementos significativos para uma desorientação ou perda de referenciais simbólicos.

A base do ecumenismo é antes o fato de nos encontrarmos dentro do mesmo universo simbólico e, concomitantemente, de nos encontrarmos comprometidos na busca da Igreja, já que os critérios institucionais e doutrinários não nos permitem saber onde ela está. Ao contrário, é o estabelecimento de um novo reino entre o homem e o homem que se constitui no ponto de partida para a criação de novas formas institucionais. (Alves, 1982, p. 53)

Pode-se problematizar ainda, que a característica encarnada de um proselitismo concorrente e antiecumênico dos presbiterianos do Pará trazem prejuízos para as próprias igrejas, contabiliza-se perdas no seu capital simbólico e na própria dinamicidade destas igrejas em procurar contextualizar-se culturalmente em suas respectivas regiões. As razões desta vulnerabilidade são expressas por Mendonça ao analisar o protestantismo brasileiro.

Hoje o que parece patente aos olhos do observador atento ao protestantismo é que o seu único apoio reside nos padrões de moral individual oriundos da tradição missionária e que não mais resistem à pressão das situações novas, ao mesmo tempo que lhe faltam vias éticas que lhe permitam assumir posições, sejam quais forem, diante dessas mesmas situações novas. (Mendonça, 2008, p. 127).

Léonard apresenta sua crítica às primeiras igrejas constituintes do campo protestante no Brasil procurando entender os motivos da crise eclesiástica que as mesmas entraram principalmente a partir da década de 1920. É neste período também que se fortalece um movimento no protestantismo de unir as igrejas protestantes em algumas atividades comuns, movimento que surge como desdobramentos do Congresso do Panamá (1916). A partir de 1917 temos o registro da primeira aplicabilidade deste projeto, como descreve Mendonça,

A ideia de unidade dos cristãos, aqui entendida como unidade dos protestantes, foi posta em ação pela organização, em 1917, da Comissão Brasileira de Cooperação. Fizeram parte da comissão presbiterianos, presbiterianos independentes, metodistas, congregacionais e episcopais, e o objetivo era produzir literatura religiosa em português, uma imprensa e

livraria no Rio de Janeiro, uma revista da família, uma universidade protestante e um orfanato (Pierson, s/d). (Mendonça, 2005, p. 55).

A crise eclesiástica que Léonard estudou em sua obra mais conhecida no Brasil, refere-se, principalmente, à reação dentro destas igrejas contra este projeto *unionista*, fortalecendo o denominacionalismo. Segundo Léonard uma das causas desta crise está ligada ao movimento inicial de forte concorrência e relações de poder destas igrejas proselitistas, que a partir de 1920 vai apresentando um cansaço, principalmente pela morte dos líderes dos grandes embates no início de implantação destas igrejas.

Ele apresenta o caso da IPIB, que com a morte do seu líder fundador, Rev^o. Eduardo Carlos Pereira (em 1923), a igreja vai refletindo quanto a sua conduta inicial em relação às outras denominações. Léonard registra uma citação do Rev^o. Themudo Lessa (pastor da IPIB em São Luis no Maranhão e visitou a Amazônia, atendendo pastoralmente as cidades de Belém e Manaus, nas duas primeiras décadas do século XX), que revela bem este período de reflexão e busca de correções eclesiásticas.

A Igreja Independente sofre de pequenas desinteligências e mal-entendidos entre seus dirigentes; isto não pode continuar sem grande ofensa e grande prejuízo para a causa em que nos empenhamos de corpo e alma [...] Perdemos um tempo enorme a nos imiscuirmos na vida das outras denominações, em discussões estéreis, onde se vê o maldito homem velho que quer pegar este ou aquele pela garganta. Cessem as inimizades, os rancores, as rivalidades em nossos campos. (Citação transcrita em Léonard, 2002, p. 314).

Conclusão

Nas considerações finais se faz necessário abordarmos dois destaques de nossa pesquisa que julgamos oportunas em relação à um objeto religioso que situa-se no contexto amazônico. A interpretação da atuação das igrejas presbiterianas no período pesquisado exige uma leitura do seu contexto histórico. A investigação ou análise de um campo específico requer sempre na metodologia uma contextualização ampla identificando as múltiplas relações do objeto. Menosprezar a historicidade do objeto de estudo é cair no perigo de reducionismos, mesmo diante de bons referenciais teóricos. Pierre Bourdieu lembra-nos bem a importância de tal tarefa ao afirmar que,

Nunca se passa para além da história e a ciência do homem não pode pôr a si mesma outro fim que não seja o de se reapropriar, pela tomada de consciência, da necessidade que está inscrita na história e, em particular, de conferir a si mesma o domínio teórico das condições históricas em que podem emergir necessidades trans-históricas. (BOURDIEU, 1989, p. 70)

Então, compreender e construir uma narrativa histórica da sociedade de Belém do Pará, nunca estará completa sem o estudo dos grupos religiosos que a compõem, principalmente numa época em que os protestantes vivenciaram de forma significativa sua participação na construção de um projeto político-econômico conhecido como *Belle Époque* paraense. Os atores sociais das igrejas presbiterianas interagiram dinamicamente no campo interno protestante com realidades interdependentes com campos externos. Bourdieu teoriza a relação do campo específico como uma dimensão menor mais interdependente com campos maiores. “O campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção” (Bourdieu, 1989, p.12).

Outro destaque é a importância do estudo da religião num recorte temporal na Amazônia, pois os referenciais teóricos explicam a razão do interesse pelo estudo das religiões, a partir do século XIX, tema contextualizado por Magalhães (2008) quando apresenta a ideia da modernidade como um projeto inacabado. A insegurança de referenciais para constituir teses das delimitações do período histórico de nossa contemporaneidade é defendido por esta crítica relevante. É na crise, desgaste ou agonia da modernidade, que os estudos da religião mostram sua relevância quanto às investigações das realidades humanas a partir de seus sistemas simbólicos ou “sistemas internos de referência” (Magalhães, 2008, p. 25).

Entende-se, então, que a religião goza de uma vitória histórica diante das ideias secularizadas provindas de toda a construção filosófica do Iluminismo europeu. Tal pensamento fundamentava-se na prerrogativa de romper com o pensamento medieval, antigo, atrasado e isto incluía a religião. Os estudos da religião se desenvolvem a partir da estruturação das Ciências Sociais, confirmando processos de desconfiança do pensamento iluminista; daí o motivo de cientistas sociais procurarem novas fronteiras, como é o caso da Amazônia e do presbiterianismo em Belém do Pará.

Referências

1. Bibliográficas.

ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância** – São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas** – São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ENCREVÉ, Pierre e LAGRAVE, Rose-Marie (coord.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social** – 3ª ed. rev. – São Paulo: ASTE, 2002.

LIMA, Éber F. S. **Protestantes em confronto: conservadores e liberais na época de Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Editora Pendão Real, 2005.

MAGALHÃES, Antonio. **Expressões do Sagrado: reflexões sobre o fenômeno da religião**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008, p. 23-47.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil** – São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, A. G. A cientificidade das Ciências da Religião. *In*: TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 103-150.

_____. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. São Paulo: Revista USP, n.67, set/nov, 2005, p. 48-67.

_____. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 1997.

_____. **República e pluralidade religiosa no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n. 59, set/Nov, 2003, p. 144-163.

_____.; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil** – São Paulo: Edições Loyola, 1990

SANCHEZ, W. L. . **Elementos para a análise do campo religioso brasileiro**. Revista nures (Online), v. 2, p. 1-10, 2006.

TEIXEIRA, Faustino (org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. 2ª ed. – São Paulo: Paulinas, 2008.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

2. Periódicos.

Adesões – Belém do Pará. **O Estandarte**, S. Paulo, 05 abr 1906, p. 3.

FERRAZ, Bento. Campinas. **O Estandarte**, S. Paulo, 12 jul 1906, p.2.

FERREIRA, Alfredo. Pela Seara Independente - Pará, **O Estandarte**, ano 17, nº 39, S. Paulo, 23 set 1909, p.3.

LESSA, Vicente Themudo. Do Norte – No Amazonas, **O Estandarte**, ano 16, nº 21, S. Paulo, 21 mai 1908, p.1-2.

_____. Do Norte – No Pará II, **O Estandarte**, ano 15, nº 36, S. Paulo, 05 set 1907, p.2

_____. Do Norte – No Pará, III, **O Estandarte**, ano 15, nº 38, S. Paulo, 19 set 1907, p.2.

_____. Do Norte – No Pará, IV, **O Estandarte**, ano 15, nº 39, S. Paulo, 26 set 1907, p.2.

_____. Do Norte – No Pará, **O Estandarte**, ano 16, nº 24, S. Paulo, 11 jun 1908, p.2.

_____. Do Norte – Rumo do Pará, **O Estandarte**, ano 16, nº 48, S. Paulo, 26 nov 1908, p.2.

_____. Do Norte, **O Estandarte**, ano 16, nº 49, S. Paulo, 3 dez 1908, p.2.

_____. Maranhão. **O Estandarte**. S. Paulo, 04 ago 1904, p.3

MORAES, Pedro Alexandrino de. Pará, **O Estandarte**, S. Paulo, 07 jun 1906, p.2s.

3. Manuscritas.

Atas da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Belém (1906 – 1968). Belém: Secretaria da 1ª IPI de Belém.

Livro de Actas do Synodo Presbyterino da Igreja Presbyteriana no Brasil. Organizado em 6 de setembro de 1888.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

² As Igrejas Presbiterianas possuem em sua estrutura de governo eclesiástico uma organização conciliar. A hierarquia é organizada da seguinte forma: conselho da igreja local; presbitério (constituído pelos representantes de cada conselho de uma determinada região); sínodo (constituído por representantes de presbitérios de uma região maior do país) e o concílio maior é denominado de Assembleia Geral da Igreja ou Supremo Concílio.

³ Atualmente no campo protestante é comum líderes das igrejas construírem seus mega projetos através do discurso proselitista. “Evangelizar o Brasil”, “Campanha Nacional de Evangelização”, etc. Estes lemas como fim último, no protestantismo é uma abertura significativa para consolidar projetos de poder interno nas denominações.

⁴ Ver também, Bourdieu, 2007, p. 32, quando o sociólogo afirma que a compreensão de entender a religião de Marx e Weber entram em acordo, pois para eles “a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a ‘legitimação’ do poder dos dominantes e a ‘domesticação dos dominados’”.